

Ensaio

Objetivos para a prática clínica comportamental: história e compromisso ético para navegadores, tripulantes e escritores

André Luiz Freitas Diasⁱ

O comportamento de estabelecer objetivos para o processo psicoterapêutico pode ser considerado como uma das primeiras etapas no planejamento ou programação de contingências no contexto clínico. Ao constituir uma ocasião para a definição das relações futuras de saúde comportamental almejadas pelo cliente, altera a probabilidade do mesmo em reconhecer o histórico de relações de controle recíproco estabelecidas com o ambiente, ou seja, os padrões de controle ambiental vivenciados e sentidos, assim como o repertório exercido pelo sujeito na ampliação do controle positivo e de contracontrole (Skinner, 1953/1994).

Em um artigo publicado recentemente, Comte (2010) afirma que a principal motivação para a busca da psicoterapia é o sofrimento das pessoas. Mais do que sensações corpóreas, ao chegarem à psicoterapia, as pessoas relatam comportamentos diversos como sentimentos, emoções, desejos, pensamentos, probabilidades de interação, pública ou privada, em determinadas direções, opostas ou não aos condicionantes do sofrimento, assim como a intenção de pararem ou, pelo menos, atenuarem os efeitos das

condições coercitivas às quais estiveram e estão sujeitas.

Assim, pode-se compreender que o ponto central das queixas comumente apresentadas pelas pessoas aos psicoterapeutas e, conseqüentemente, o principal elemento motivacional para a procura por uma ajuda especializada seria o excesso de controle coercitivo exercido pelo ambiente, ao longo de toda uma história de interação ou por um determinado período, ficando explícita ainda a dificuldade do sujeito de exercício de um contracontrole efetivo para a atenuação da condição coercitiva.

Já há algum tempo, problemas motivacionais vêm sendo abordados pela Análise do Comportamento, a partir do conceito de operação estabelecidora, introduzido por Keller e Schoenfeld (1950/1966) com o emprego do termo *drive* e, posteriormente, refinado por Michael (1982, 1988, 1993).

Basicamente, esse conceito diz respeito às operações ou condições que podem afetar os comportamentos dos sujeitos seja (1) aumentando momentaneamente a efetividade das conseqüências punitivas ou reforçadoras produzidas por ocasião de uma determinada interação comportamental ou (2) aumentando, também

momentaneamente, a frequência das respostas que foram reforçadas – positiva ou negativamente – pelas conseqüências geradas (Haydu, 2004; Miguel, 2000).

De acordo com a Análise do Comportamento aplicada ao contexto clínico, a identificação das operações estabelecidas deve ser um dos primeiros passos no processo de reconhecimento e explicação do amplo histórico de interações vivenciado pelas pessoas, antecedendo o estabelecimento dos objetivos comportamentais para o processo psicoterapêutico, anteriormente mencionado (Miguel, 2000).

Concordando com o filósofo espanhol José Antônio Marina, em seu livro *Ética para náufragos* (1995/2009), “*viver é mais parecido com escrever*” (p.9). Ainda segundo esse autor, “*a vida não corre como um rio, mas como uma narrativa. Contamos nossa história ato após ato, e toda hora temos que decidir sobre qual frase vamos escrever em seguida, e sobre o projeto, o argumento, o estilo...*” (p. 9).

Comportamentalmente falando, e retomando a pergunta orientadora desse pequeno texto, estabelecer objetivos para a prática clínica implica em reconhecer o sujeito como, necessariamente, escritor e narrador de sua própria história, seus “vícios”, “estilos”, “argumentos”, “influências”, “motivações”, “personagens principais e secundários”, “tramas”..., visando à construção de novos padrões de linguagem, mais precisamente de comportamento verbal, e de ação sobre o mundo, que proporcionem interações mais efetivas e saudáveis, tanto para o sujeito quanto para aqueles que convivem com o mesmo.

Por falar em convivência entre sujeitos que se comportam, há uma frase famosa, historicamente atribuída ao general romano Pompeu, proferida aos tripulantes dos navios no momento do embarque, que gostaria de citar para finalizar esse texto: “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”.

Tal frase remete ao um importante dilema ético no qual se deparavam os tripulantes dos navios romanos, nos remotos anos de 70 a.C.. À época, conforme destacam alguns historiadores como Gibbon (2005) e Ventura da Silva & Mendes (2006), havia a clara necessidade de expansão territorial do Império Romano para obtenção de novos recursos – físicos, materiais e humanos – para a sobrevivência e o fortalecimento da cultura romana.

Assim, o tal dilema ético vivido com o qual os tripulantes dos navios recorrentemente se deparavam era: arriscar a própria vida em viagens de grandes riscos, em função dos vários ataques piratas sofridos e dos limites tecnológicos e científicos das embarcações, para a garantia de um “suposto” bem coletivo ou permanecer no conforto de suas casas e famílias.

Retomando a analogia entre viver e escrever a própria história e considerando outra frase, agora do filósofo Renato Janine Ribeiro, professor da USP, “*o homem se realiza quando navega, em sociedade, no mesmo rumo*”, poderíamos compreender a psicoterapia, incluindo a definição e a construção dos seus objetivos, enquanto o processo de reformulação das narrativas e outras formas de linguagem e ação das contingências de navegação na vida, no qual é imperativo o respeito ao próprio ritmo e a história particular de cada sujeito, incluindo o compromisso ético com o outro, com o ambiente e com a sociedade no geral.

Dessa forma, com a licença poética necessária, como o fez Adélia Prado ao se referir a um poema de Carlos Drummond de Andrade, gostaria de reformular a célebre frase atribuída a Pompeu para “*navegar, viver e escrever a própria história é necessário, havendo sempre respeito ao outro, também parte fundamental da rica e inusitada experiência da nossa existência*”.

Respeitando também as pessoas que procuram ajuda psicológica, compreendo, por fim, ser esse o caminho para a construção de melhores condições de saúde para os sujeitos e o objetivo de

todas as intervenções comportamentais, nos mais diversos contextos, e nossa importante contribuição para a constituição de uma sociedade mais justa, ética e responsável. ■

Referências bibliográficas

- Conte, F. C. S. (2010). Reflexões sobre o sofrimento humano e a Análise Clínica Comportamental. *Temas em Psicologia, 18*(2), 385-398.
- Gibbon, E. (2005). *Declínio e Queda do Império Romano*. Edição Abreviada. São Paulo: Cia das Letras.
- Haydu, V. B. (2004). O que é operação estabelecadora?. Em: C. E. Costa, J. C. Luzia, & H. H. N. Sant'anna. (Orgs.). *Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição*. Santo André, v. 2, p. 59-66.
- Keller, F. S., & Schoenfeld, W. N. (1966). *Princípios de Psicologia: um texto sistemático na ciência do comportamento*. São Paulo: Herder. (Trabalho original publicado em 1950).
- Lobato, M. (1995). *Cidades Mortas*. São Paulo: Brasiliense.
- Marçal, J. V. S. (2005). Estabelecendo objetivos na prática clínica: quais caminhos seguir? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 7*(2), 231-245.
- Marina, J. A. (2009). *Ética para náufragos*. Rio de Janeiro: Guarda-Chuva. (Trabalho original publicado em 1995).
- Michael, J. (1982). Distinguishing between discriminative and motivational functions of stimuli. *Journal of Experimental Analysis of Behavior, 37*, 149-155.
- Michael, J. (1988). Establishing operations and the mand. *The Analysis of Verbal Behavior, 6*, 3-9.
- Michael, J. (1993). Establishing operations. *The behavior analyst, 16*(2), 191-206.
- Miguel, C. F. (2000). O conceito de operação estabelecadora na Análise do Comportamento. *Psicologia: teoria e pesquisa, 16*(3), 259-267.
- Skinner, B. F. (1994). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Ventura da Silva, G., & Mendes, N. M. (2006). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: EDUFES.

Recebido em: 19/09/2011

Aceito em: 19/09/2011

Sobre o autor:

ⁱ **André Luiz Freitas Dias** é Professor e pesquisador do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, desde 2004, tendo como principais interesses os temas: meta-avaliação; Avaliação Comportamental e Análise Funcional; Avaliação enquanto prática moral e política; Formação Ética; Análise Experimental e Aplicada do Comportamento; Comportamento Social; Agências de Controle e Cultura; Planejamento de Culturas e Sociedades; Arquitetura Comportamental. **E-mail:** alfreitasdias@fafich.ufmg.br